

Território Umutina: vivências e sustentabilidade

RESUMO

Este trabalho refere-se ao Território Umutina, aos desafios da sustentabilidade e às vivências recentes de jovens do Ensino Médio da Aldeia Umutina. O Território Umutina já está demarcado. A Terra Indígena Umutina possui grande importância para tal povo, pois é através dela que ele retira o sustento para a sua vivência e estabelece suas relações nas dimensões sociais e culturais. A terra, assim, é essencial para manter viva a cultura do povo Umutina. As técnicas utilizadas para a realização deste trabalho foram: pesquisa bibliográfica, dados coletados através de entrevistas com as lideranças e jovens da comunidade, oficinas, fotografia e a participação dos jovens da escola Jula Pará. Esta pesquisa-ação busca contribuir para que as gerações novas, a comunidade e a escola possam ter acesso aos conhecimentos tradicionais e aos saberes, valorizando o espaço territorial e a busca de alternativas dentro da comunidade; servirá ainda de registro e documento para as futuras gerações. Obteve-se dados que visam fortalecer a cultura e também servirão como material didático nas escolas indígenas, permitindo a socialização mais ampla ao público. Este trabalho visa, ainda, fortalecer e proteger o espaço territorial, bem como cultivar e manter viva a cultura para que os jovens possam usufruir desse patrimônio.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Escolar Indígena. Sustentabilidade. Território Umutina.

Eliane Boroponepa Monzilar
elibmonzilar@gmail.com
Universidade de Brasília - Brasília, Distrito Federal, Brasil.

INTRODUÇÃO

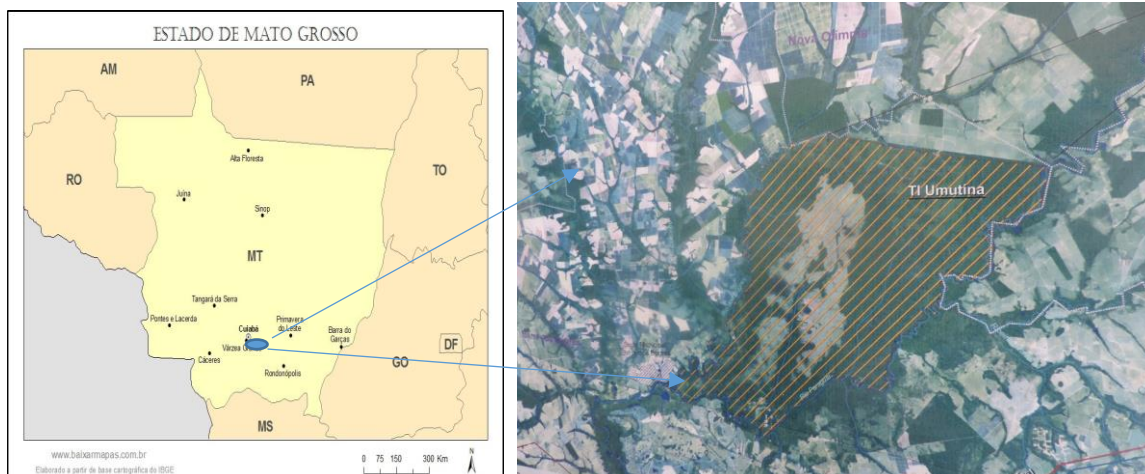
O presente trabalho relata as atividades de uma pesquisa-ação desenvolvida na aldeia Umutina no Território Indígena Umutina, povo indígena do tronco linguístico Macro Jê que vive nas margens do Rio Laripo (Paraguai), a pouco menos de 150km de Cuiabá, no Estado de Mato Grosso. A ação contou com a participação de jovens estudantes do Ensino Médio da Escola de Educação Indígena Jula Pará, mulheres, homens, lideranças e anciões da aldeia, que são detentores de conhecimentos tradicionais.

Procuo, assim, descrever aspectos relativos aos princípios que devem orientar a educação escolar indígena, bem como seu papel no fortalecimento e valorização das culturas indígenas. São discutidas, ainda, as relações entre território, sustentabilidade e Educação que fundamentaram a pesquisa entre os estudantes do ensino médio da Escola Jula Pará.

Apresenta-se uma revisão da história do contato dos Umutina com as diferentes frentes de expansão no Mato Grosso, destacando os impactos desse encontro sobre a cultura desse povo. O texto procura dar visibilidade as falas dos próprios Umutina e dos produzidos pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), principalmente do etnólogo Schultz (SCHULTZ, 1962). Traz o histórico da demarcação da Terra Indígena Umutina e descreve em linhas gerais a realidade atual das famílias Umutina, aspectos dos processos de adaptação aos novos modos de vida impostos pelas mudanças territoriais e culturais (MONZILAR, 2012, p. 23).

A Terra Indígena Umutina está localizada no centro norte do Estado de Mato Grosso, a 15km da sede do município de Barra do Bugres.





O Território tem o formato de uma ilha fluvial e é protegido à direita pelo Rio Xopô (Bugres) e à esquerda pelo Rio Laripô (Paraguai). A área do Território Indígena é de 28.120 hectares. No seu entorno há propriedades privadas com plantação de cana e pecuária. Nas proximidades está também a nascente do Rio Paraguai, onde existiu um garimpo, hoje desativado, em uma localidade chamada Alto Paraguai.

Convivem no Território Indígena (TI) Umutina vários povos: Paresi, Nambikwara, Bororo, Bakairi, Irantxe, Kayabi, Terena, Umutina e chiquitano. Há casamentos entre indígenas e não indígenas; há miscigenação entre esses moradores, mas todos se reconhecem como Umutina (MONZILAR, 2012, p.13).

Antes da colonização, os Umutina dominavam um vasto território que compreendia a região dos rios Sepotuba, Bugres e Paraguai, onde praticavam a caça e a pesca. Com a chegada dos colonizadores ao Mato Grosso, acabaram perdendo essa liberdade, num processo que causou conflitos e mortes de parte a parte (MONZILAR, 2012).

Conforme Monzilar (2012), o processo de alteração cultural dos Umutina se deu em várias etapas, tendo início em 1911, com a instalação de um posto de atração por Marechal Rondon. A partir do contato, houve conflitos entre os indígenas e não indígenas; em seguida, epidemias de sarampo, tuberculose e pneumonia vitimaram principalmente crianças e idosos, causando muitos óbitos. A permanência do contato contribuiu para perdas populacionais e de traços culturais particulares. Os Umutina viveram um dos mais dolorosos processos de contato. No início do Século XX estavam reduzidos a 23 sobreviventes.

Nos últimos anos, conforme censo realizado na aldeia, ocorreu um significativo aumento demográfico entre os Umutina – a população atual é de 480 pessoas², sendo a maioria de jovens e crianças. Na década de 1980, a população do Posto Indígena Umutina era de 77 pessoas, sendo 36 Umutina descendentes de órfãos recolhidos pela sede do posto e de alguns Umutina independentes. Os demais eram filhos de casamentos interétnicos entre Paresi, Kayabi e Nambikwara que foram trazidos pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI)³.

A convivência com a sociedade envolvente implicou em grandes mudanças para o povo Umutina (MONZILAR, 2012) que, na conjuntura atual, está se organizando e ressignificando sua cultura, de modo a manter o sustento para viver

e garantir a sustentabilidade, nas dimensões social, cultural, territorial e ambiental.

Conforme o relato acima a aldeia Umutina é composta por descendentes de casamentos interétnicos entre os povos indígenas Paresi, Nambikwara, Bakairi, Bororo, Irantxe, Terena, Kayabi, Chiquitano e Umutina. Na década de 1990 os professores juntamente com as lideranças e anciões reuniram e idealizaram um acordo com intuito de fortalecimento dos saberes e fazeres do povo Umutina, os usos e costumes que a muito tempo foram adormecidos. Neste contexto complexo longo e em curso foram conversando com a comunidade sobre o processo de discussões, foi então, que a comunidade decidiu que, a partir daquele momento, os que morassem e os filhos nascido no território Umutina, independente de quem seja os pais seriam considerados Umutina. Para Ramos e Monzilar(2015), “Uma mudança radical no cálculo social indígena como a etnografia o tem conhecido até agora. Da ênfase no parentesco passa-se à ênfase no território. Em última análise, muda-se de jus sanguinis para jus soli, algo inédito no mundo indígena conhecido, ao menos, no Brasil (p.08).

A comunidade e os professores Umutina buscam, portanto, na escola, a revitalização de sua cultura e do que foi vedado no passado. Embora não sejam falantes da língua nativa, estão, em conjunto, incentivando crianças e jovens a praticar a cultura Umutina – um processo complexo, já que na aldeia vivem famílias descendentes de outros povos indígenas. Os professores e os mais velhos lideram um amplo projeto de revitalização da língua.

Do ponto de vista da pesquisa linguística a língua Umutina, do tronco Macro-Jê pertencente a família Bororo é considerada uma língua morta. Porém, desde meados dos anos 90 esta em curso na escola e na comunidade um projeto de revitalização da língua que inclui a participação dos anciões falantes da língua tradicional nas atividades que envolvem as danças e os rituais tradicionais. Na escola as atividades envolvem o ensino da língua materna como uma disciplina do currículo ministrada por professores Umutina pesquisadores da própria língua e atividades tradicionais planejadas para a valorização e o fortalecimento das aprendizagens na língua materna.

Para Monzilar (2012) a revitalização da língua e da cultura tem se mostrado fundamental para todos os moradores, que entendem que se a cultura estiver sendo repassada para as novas gerações, os jovens se tornarão conhecedores e protagonistas da sua história e de seus valores. É um trabalho riquíssimo e cheio de significado para os Umutina; a comunidade tem participado e acreditado na eficiência da escola como espaço para revitalização de suas práticas culturais.

Neste sentido, a cultura é a forma de viver e interagir ao meio na qual o povo vive. Para os Umutina essa forma de viver está ligado aos saberes e fazeres que são compartilhados no cotidiano e em conjunto com todos da comunidade e que são repassados de pais para filhos e assim, sucessivamente, sendo, que a cultura é dinâmica, de acordo com cada tempo e espaços, os Umutina vem ao longo dos anos trabalhando em conjunto com pais, professores, lideranças, a juventude e demais pessoas da comunidade para a manutenção e fortalecimento das práticas culturais. Pode-se destacar as danças e rituais: Katamã, Jekirinó, Mixinose, Boika, Lorunó, essas danças são importante e tem um significado que são forma de homenagear, agradecer e pedir a força para a natureza e para os espíritos, a pintura corporal, os cânticos, a língua, a confecção de ornamentos tradicionais, o

ritual da pesca do timbó, a pesca, a caça, o manejo e cultivo da roça, a oralidade das Histórias dos anciões, a cosmologia, a comidas e bebidas típicas e as festas tradicionais. Este texto apresenta uma noção de cultura, tal como os Umutina a construíram, uma categoria vernácula, ou seja o que os Umutina estão chamando de “Cultura” (Manuela Carneiro da Cunha, 2009, p. 07).

Nesse sentido, constata-se um grande avanço. Muitos dos jovens já utilizam, no cotidiano, a pintura corporal e cantam os cânticos em sua língua sem nenhum tipo de receio – o que, sem dúvida, é muito importante. Da mesma forma, também os adultos estão participando nesse processo de valorização da cultura (MONZILAR, 2012).

O povo Umutina vem buscando alternativas econômicas sustentáveis para usufruir e manejar a terra de uma forma que não venha a prejudicar o meio ambiente. Infelizmente, não vem tendo apoio dos órgãos competentes para essa tarefa. No entorno da TI Umutina, como anteriormente mencionado, encontram-se fazendas com criação de gado, plantações de cana e um antigo garimpo na nascente do Rio Paraguai, hoje desativado. Essas atividades produtivas de larga escala têm causado degradação do meio ambiente. Sobretudo as queimadas provenientes das plantações de cana de açúcar e as pastagens plantadas para o gado, trouxeram grandes prejuízos, atingindo o território Umutina por meios das queimadas, da poluição dos rios e do intenso desmatamento na região.

Ainda assim, a TI Umutina se encontra bastante preservada¹, pois o povo faz a roça de toco, planta e colhe utilizando técnicas e conhecimento tradicionais indígenas. Com base nesse sistema, são produzidos alimentos para a subsistência familiar. Além da agricultura, a pesca é parte importante da alimentação e a principal fonte de renda das famílias.

O artesanato também constitui fonte de trabalho e renda para as famílias Umutina. Após medida do Governo Federal proibindo a comercialização de artesanato confeccionado com base em restos de espécies de animais como dentes, ossos e penas de aves silvestres, a confecção foi reduzida. Havia uma “casa do artesão” na cidade que comprava tal tipo de artesanato. Porém, a partir dessa medida, houve um declínio na comercialização, levando as famílias artesãs a buscarem outras alternativas de renda ou mudarem-se para a cidade (MONZILAR, 2012).

Além disso, as famílias vêm aumentando e há uma grande preocupação em possibilitar uma vida saudável às gerações futuras.

Os espaços e recursos naturais encontrados na Terra Indígena Umutina, hoje, parecem ser suficientes para a manutenção das práticas culturais, econômicas e sociais dos povos que abriga. Devido, entretanto, ao aumento constante da população, dentro de pouco tempo tais recursos naturais podem não ser mais suficientes para a sobrevivência material e simbólica do povo. Afinal, para as famílias Umutina, a terra é fundamental para manter viva a cultura de seu povo. Neste sentido, para os Umutina a terra tem um valor onde habitam todos os seres naturais e sobrenaturais, um lugar que tem o acesso aos recursos que tornam acessível a sua produção e reprodução material e espiritual, assim, são transmitidos os saberes e fazeres Umutina, como confecção de ornamentos tradicionais que são feitos de matéria prima, fornecem alimentos para sobreviver, lugar que pratica a dança e os rituais, as Histórias e memórias dos anciões que são

detentores do conhecimentos, a cosmologia, uma relação amistosa e dialógica com o meio ambiente e em todos os âmbitos sociais, culturais e econômicos.

Devido à falta de condições de trabalho, de apoio e perspectiva de sustento, muitas famílias estão saindo da aldeia e indo para a cidade em busca de emprego. O êxodo é maior entre os jovens, que vão para a cidade em busca de emprego e, segundo eles, melhor “qualidade de vida”. Alguns conseguem encontrar trabalho, mas outros acabam retornando para a aldeia frustrados (MONZILAR, 2012, p.15).

A mesma autora ainda destaca a preocupação dos pais quando o filho, jovem, vai para a cidade, pois a juventude aprecia o encanto do mundo moderno. Nesse sentido, os jovens estão vulneráveis a trilhar caminhos que pode leva-los a depreciar os costumes e as tradições indígenas.

O projeto de educação escolar desenvolvido na escola indígena Umutina visa contribuir para que os jovens valorizem a história Umutina, o cotidiano das famílias que mantêm práticas tradicionais de produção e a relação de harmonia dessas práticas com o meio ambiente na qual estão inseridas, a fim de demonstrar que é possível buscar alternativas de auto sustento dentro do espaço territorial Umutina, manejando e usufruindo da terra de maneira sustentável.

É desse contexto que nasce o presente artigo, motivada pela preocupação com a continuidade das marcas culturais e da identidade indígena Umutina, bem como a sobrevivência das famílias em bases ambientalmente sustentáveis. Motiva-se, ainda, pelas expectativas dos jovens Umutina de terem, em um futuro breve, condições melhores de vida dentro da aldeia e para a sua comunidade.

METODOLOGIA

Foram realizadas revisões bibliográficas em diversas fontes, incluindo dois trabalhos da própria autora, que nasceu e vive na aldeia Umutina há 37 anos e tem nos dados obtidos por observação participante sua maior fonte. Além da observação, foram realizadas entrevistas com as lideranças e jovens indígenas, atividade de campo, apresentação dos trabalhos para a comunidade, oficinas e a participação dos jovens da escola Jula Paré.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E SUSTENTABILIDADE

Os povos indígenas têm seus próprios processos de Educação que, normalmente, ocorrem coletivamente, por meio da transmissão de conhecimentos tradicionais e da formação dos indivíduos conforme os valores e regras sociais estabelecidos para cada povo. Assim, pode-se dizer que cada sociedade tem a sua própria Educação.

De acordo com a política da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. SECADI/MEC, a Educação escolar Indígena deve estar a serviço da valorização e manutenção da sociodiversidade indígena e compreendida no contexto das lutas e da mobilização dos povos indígenas pela garantia, por parte do Estado brasileiro, de uma Educação diferenciada (BRASIL,

2007). Assim, os projetos político-pedagógicos das escolas indígenas devem ser orientados pelos valores e a história particular de cada povo, numa perspectiva política de autonomia e de continuidade cultural, sem prejuízo de estratégias de interação com a sociedade envolvente.

O reconhecimento dos processos de aprendizagem específicos de povos indígenas deriva do reconhecimento de suas diferentes formas de organização social. A Educação indígena perpassa processos culturais diversos, ao longo da vida em comunidade. Os Umutina têm seus processos de aprendizagem e transmissão de conhecimentos milenares, passados de geração em geração, em mitos, ritos e no convívio comunitário.

Nesse sentido, a Educação (nos moldes tradicionais e não escolar) é de grande relevância, pois é um instrumento de vida social e cultural do povo Umutina e se dá na convivência cotidiana de cada família, nos costumes compartilhados, no diálogo e no exemplo de vida. Os anciões ensinam e repassam aos jovens o conhecimento da cultura, tais como a dança, a pintura corporal, o ritual do timbó, os cantos, a língua, a arte, a caça, a pesca, a preparação da comida tradicional, a medicina tradicional, entre outros, para mantê-la viva.

Hoje, o ritual do timbó, por exemplo, acontece da seguinte forma: um dia antes, todos os estudantes da escola, professores e os pais dos alunos reúnem-se e vão pegar o timbó – um tipo de cipó – no mato, que fica um pouco distante da aldeia. Geralmente o fazem caminhando ou de trator. Ao chegar, cortam e amarram o timbó, fazendo vários feixes, os quais carregam e colocam no ombro ou no trator e, então, retornam para a aldeia. Na manhã seguinte, os homens e crianças saem para bater timbó. Em seguida, as famílias da aldeia vão para uma pescaria do timbó, na qual começam a batê-lo com uma madeira à beira do lago/baía, em vários pontos do lago. Assim, a seiva do timbó se mistura com a água, que começa a ficar escura. Em menos de trinta minutos, nota-se os efeitos na água e os peixes começam a agonizar. Todos, então, entram na água para pegar e matar os peixes com arco e flecha, peneira e cestos. Toda a família participa da pescaria e passa o dia inteiro pegando e comendo peixes assados na brasa, com beiju e xixa, bebida tradicional, feita a base de mandioca e milho na beira do lago ou baía. É um momento agradável, onde todos ficam juntos, conversando e interagindo alegremente, partilhando momentos de convivência e aprendizagem recíproca. Quando o ritual termina, todos vão embora carregando sacos e cestos cheios de peixes para as suas casas.

O alimento tradicional do povo Umutina, como se pode observar, é o peixe assado ou moqueado, beiju, farinha e o Jolorukwá (xixa). O Jolorukwá (xixa) é feita por famílias, que assam o peixe e fazem também o beiju, o qual é oferecido aos espíritos para agradecer e pedir proteção pela vida, pela fartura, pelos alimentos e pela colheita. Pode-se dizer, portanto, que, para os Umutina, como o exemplo acima ilustra, o conhecimento está presente nas relações de convivência comunitária e no meio ambiente no qual está inserido, essa relação com a produção e socialização do conhecimento é muito distinta do modelo trazido pelos projetos de escolarização. A primeira escola entre os Umutina é dos anos 40 organizada no contexto do SPI.

A escola foi apropriada e ressignificada a partir da visão do povo Umutina nos anos 90. O modelo de educação escolar do SPI estava a serviço da aprendizagem do português e da matemática. A apropriação e a ressignificação da escola pelo

povo Umutina se apoiou na garantia dos dispositivos legais da Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e nos projetos de revitalização cultural dos próprios Umutina. Para os Umutina, o espaço da Educação escolar é importante, embora se tenha claro que a escola tem aspectos positivos e negativos.

Segundo alerta Gersem Baniwa:

É importante, em primeiro lugar, destacar que, para os povos indígenas, a instituição escolar é hoje uma necessidade ou uma oportunidade, qualquer que seja sua vertente político-pedagógica e ideológica. Em função disso, não abrem mão de acesso e, por isso, lutaram ao longo do tempo para que esse acesso se tornasse um direito. Em segundo lugar, é importante considerar que, na maioria das vezes e situações, a escola não foi imposta aos povos indígenas, mas sim, por convencimento de que ela é instrumento de civilização e, progresso do homem branco, incorporada à visão local. Desse modo, o que foi imposto foi uma visão de mundo própria dos povos europeus e não a escola, embora ela seja instrumento dessa visão. Em terceiro lugar, os povos indígenas do Brasil ainda não pautaram em sua agenda e debate o papel e impacto da escola para a vida presente e futura de suas coletividades; limitam-se tão somente à discussão de sua necessidade e importância como direito subjetivo (2007: 8).

Ressalto a importância de tal análise para os povos indígenas, sobretudo pelo potencial da escola de tornar-se espaço fundamental para se aprender a transitar entre esses dois mundos (indígena e não indígena) – desde que se garanta um olhar crítico, profundo e amplo com relação à escola que temos e a que queremos, bem como no que a Educação escolar indígena está contribuindo para a realidade atual e futura nas comunidades.

No caso Umutina a escola está subordinada ao projeto de valorização e fortalecimento da diversidade cultural e protagonizada pelos próprios indígenas, a escola possa se tornar um espaço fundamental de interação e revitalização de tudo que ficou adormecido no passado com relação às práticas culturais e sociais particulares desse povo.

A participação dos pais e da comunidade é essencial nesse processo para que de fato se tenha uma Educação escolar indígena ancorada nos saberes indígenas e demandas da comunidade e que o ensino-aprendizagem possa dialogar com os dois universos: do conhecimento tradicional e da sociedade envolvente.

É responsabilidade do Ministério da Educação mobilizar os sistemas de ensino para atuarem, levando em conta o marco constitucional dos direitos indígenas e a avaliação crítica das políticas integracionistas e homogeneizantes que ainda hoje fundamentam muitas das práticas gerenciais da política educacional brasileira (BRASIL, 2007).

Outro aspecto importante diz respeito à relação entre a escola e a sustentabilidade. A ação educacional deve contribuir para a sustentabilidade socioambiental, articulando os conhecimentos tradicionais às novas tecnologias, de modo a contribuir com os povos indígenas na gestão de seus territórios, com autonomia e conforme seus interesses e necessidades.

Para uma melhor reflexão associada ao território, que considere as vivências e os desafios da sustentabilidade para os Umutina, é necessário lembrar que o território tem uma posição central para esse povo, base de sustentação para as dimensões econômicas, sociais e culturais de sua experiência. Segundo Gersem Baniwa (2010), o território é compreendido como todo espaço que é imprescindível para que um grupo étnico tenha acesso aos recursos que tornam possíveis a sua reprodução material e espiritual, de acordo com características próprias da organização produtiva e social, enquanto a terra é compreendida como um espaço físico e geográfico. A terra é um espaço geográfico que compõe o território – e o território é entendido como um espaço do cosmos, mais abrangente e completo.

Para os povos indígenas, o território compreende a própria natureza – dos seres naturais e sobrenaturais, na qual um rio não é simplesmente um rio, mas inclui todos os seres, espíritos e deuses que nele habitam. Nesse contexto, é importante compreender as relações dos indígenas com a natureza, com especial atenção ao meio ambiente no qual cada povo está inserido. Diferentemente das sociedades ocidentais, a natureza tem um sentido especial para os indígenas (BANIWA, 2010).

Ao longo dos tempos, os povos indígenas encontraram formas e estratégias de convivência com o seu ambiente, desenvolveram tecnologias sofisticadas e mostraram o grande valor da floresta para a sobrevivência humana. O saber indígena deve ser divulgado e valorizado, pois pode ser que seja um instrumento para transitar e sobreviver no mundo moderno – mesmo para o não indígena (MONZILAR, 2012, p.27).

A educação escolar indígena é uma política de Estado, é no interior desta política que os povos indígenas atuam, a duras penas, para garantir direitos conquistados. Nesse sentido é lutar para que as secretarias estaduais de Educação, visando o cumprimento das determinações constitucionais relativas a direito a uma Educação diferenciada para indígenas, observem aspectos relativos à territorialidade desses povos. É fundamental a incorporação de práticas de gestão compartilhada, com a participação de representantes da comunidade para definição do projeto político-pedagógico da escola e de ações que melhorem as suas condições de vida.

A CULTURA E TERRITÓRIO UMUTINA

As primeiras notícias a respeito dos Umutina são de Ricardo Franco de Almeida Serra, em “Extracto da descrição geographia da Província de Mato Grosso” produzido em 1797 (SCHUTZ, 1962). Falante de uma língua do tronco linguístico Macro-Jê, da família Bororo e habitante da região central de Mato Grosso, o povo Umutina dominava um vasto território que compreendia a região dos rios Sepotuba, Bugres e Paraguai, onde praticava a caça, a pesca e extensos roçados.

Têm-se dados da localização do povo Umutina, nas margens do rio dos Bugres, afluente do Alto Rio Paraguai. Conforme informação de Augusto Leverger (apud SCHUTZ, 1962:76):

3 léguas mais baixo, entra pela margem direita, um riacho de canoa a que alguns chamam Rio Branco, outros Rios dos Bugres ou dos barbados e também Tapirapoan. Nas cabeceiras deste riacho, está o aldeamento dos índios barbados. Seu número anda por 400. Sustentam-se de caça, da pesca, dos frutos espontâneos do solo e de milho, mandioca, batata e carás que plantam, cultivando a terra com instrumentos feitos de pedra, e de madeira de cerne. Vivem em paz com outras nações indígenas. Posto que pouco distantes das nossas povoações nunca tiveram nem procuraram ter relações conosco. Descem às vezes até a margem do Paraguai. Tem sucedido atacarem canoas que iam do Diamantino para Villa Maria, e se não nos hostilizam mais frequentemente é de medo das nossas armas.

Com a chegada das frentes colonizadoras no estado de Mato Grosso, a partir do século XIX, o povo Umutina, acabou perdendo a liberdade e enfrentando um longo período de conflitos com as frentes que subiam os afluentes do Paraguai, em busca da poaia, seringa, ouro e novas terras. Os Umutina se deslocaram, subindo o rio Paraguai, cedendo à pressão dos colonizadores. Com o avanço das frentes colonizadoras, foram obrigados a recuar, chegando onde hoje é a atual aldeia Umutina. Mas os dados históricos e os mitos Umutina revelam que a bacia do rio Paraguai foi território tradicional do povo.

Segundo o padre Salesiano Nicolau Baclarioti, em 1898 (OPAN, s.d) era a intenção do Governo do Mato Grosso organizar uma expedição de extermínio contra esses indígenas dados à resistência que se opunham à penetração de não indígenas em suas terras.

Monzilar e Monzilar (2006) obtiveram relatos do Chefe do Posto do Serviço de Proteção aos Índios, o senhor Adão de Táxi, nascido em 1933, pertencente à família do Sr. Epifânio, que foi somente após um ano da criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), 1911, que se consolidou o contato com o povo Umutina, 1912. O não indígena que fez o primeiro contato foi Severiano Godofredo de Albuquerque, chefe da expedição de contato, mas quem passou a dar continuidade ao processo foi Epifânio Ribeiro Táxi, com seu irmão Benedito Ribeiro Táxi e outros, sendo doze homens no total.

Segundo o Sr. Adão Táxi o processo do contato com os Umutina não foi fácil. Aconteceu durante alguns anos e a tática usada pelos não indígenas foi o plantio de roças na margem esquerda do rio Bugres, para atrair os indígenas. Enquanto não era chegada a hora da colheita, eles colocavam na roça produtos alimentícios como o arroz, açúcar, feijão, além de ferramentas como enxada, faca, facão e outros para oferecer aos indígenas (entrevista realizada em setembro de 2005) (MONZILAR; MONZILAR, 2006, p.10-13).

Conforme Adão Táxi em Monzilar e Monzilar (2006) o primeiro contato do SPI com o povo Umutina aconteceu no Posto Velho, a primeira aldeia que reuniu os indígenas. Ficaram ali de um a dois anos, à margem esquerda do rio Bugres. O contato decorreu a pedido dos poaeiros, que pediram ao Cândido Rondon que tomasse providências, pois os indígenas estavam matando o não indígena na região. Esse diálogo teria ocorrido quando Cândido Mariano da Silva Rondon passava pela região para a construção de um ramal da linha telegráfica em Afonso, hoje cidade São Afonso.

O povo Umutina era conhecido pelos não indígenas como “barbados” pelo fato de usarem longas ‘barbas’. As mulheres deixavam os cabelos crescerem para que os homens os cortassem. Com os cabelos das mulheres confeccionavam os colares para o uso masculino. As mulheres e crianças andavam muito ornamentadas. Tanto as mulheres quanto as meninas tinham o corpo despido somente da cintura para cima, coberto por muitos colares de dentes de animais e grandes brincos de pena coloridas.

Segundo Schultz (1960) os Umutina eram tecelões e ceramistas e desenvolveram o trançado. A base alimentar era o milho, com o qual faziam mingaus, beiju etc. Cultivavam mandioca, feijão fava e pimenta. O alimento mais importante depois da lavoura é a caça e o pescado. O tabaco e bebidas fermentadas não eram conhecidos.

Após o contato e o convívio com os colonizadores, o povo Umutina passou a assimilar e se socializar na cultura dos não indígenas. Os indígenas passaram a viver em um regime bastante distinto do cotidiano da maloca e por imposição de um chefe de posto, Otaviano Calmon, sob ameaças e castigos, foram proibidos de falarem sua língua materna e de realizarem suas festas e rituais (MONZILAR, 2012, p. 31).

Os colonizadores trouxeram doenças que provocaram muitas mortes entre os indígenas, principalmente entre as crianças e velhos. Fortes epidemias de sarampo, tuberculose e pneumonia fizeram órfãos entre as crianças, além de deixarem jovens solteiros enfermos na grande maioria nas malocas (Monzilar, 2010).

Foi nesse período que uma política do governo federal, via SPI, trouxe para o território Umutina famílias de outros povos indígenas. Neste contexto havia várias intenções como assegurar e proteger o território Umutina e deportar indígenas que deveriam sofrer punições – eram transferidos, sendo “reeducados”.

No início dos anos 40, contavam-se 50 Umutina no posto e 23 em 3 malocas na mata, que resistiam aos esforços de atração do posto. No posto, os indígenas de diferentes povos constituíam uma nova comunidade com leis e normas alheias a cada um dos grupos ali apresentados, o que desencadeou um estado de conflitos entre eles. Eram várias culturas em estágios diferenciados de contato, favorecendo, entre os anos 1930 e 1970, que a população do Posto Indígena Fraternidade vivenciasse o desencanto da desestrutura das formas originais de suas culturas (Umutina, Pareci e Nambikwara).

Analisando os fatos que ocorreram na história dos Umutina, apesar da tragédia lastimável que decorreu do contato com a sociedade colonizadora, o povo Umutina conquistou grande avanço: teve sabedoria e contou com estratégias para sobreviver após o processo de colonização devastadora. Hoje a população vem aumentando, totalizando cerca de 530 pessoas. Este aumento é significativo para um povo que no passado teve o registro de ter chegado a contar com apenas 23 pessoas. É relevante enfatizar que essas pessoas tiveram papel imprescindível no processo histórico para a continuidade de novas gerações dos Umutina.

Atualmente o povo Umutina passa por um processo de revitalização de práticas e costumes tradicionais desenvolvidas por seus ancestrais e vêm ressignificando vários aspectos culturais adormecidos, como as danças, os cânticos, a pintura corporal, confecção das vestimentas tradicionais, a língua, os

rituais e outros. A língua materna tornou-se matéria obrigatória na escola da aldeia e está sendo repassada através dos anciões que ainda estão vivos.

Como informado acima, a partir dos anos 1990 se iniciou, entre os Umutina, o diálogo com relação à cultura; entretanto ocorreram conflitos entre si sobre que cultura ensinar para as crianças. Os professores, juntamente com os anciões, idealizaram e deram corpo a um pacto universal dentro do território indígena Umutina, com o objetivo de fortalecer a cultura dos Umutina e trazer de volta usos e costumes. A partir daquele momento, os que morassem e nascessem ali, seriam considerados Umutina. Esse processo de pacto quanto à autodenominação e afirmação cultural passou-se a se chamar de Unificação dos Umutina. As lideranças tiveram um papel fundamental, sabendo conduzir com sabedoria esse processo de convivência.

Esse foi um marco da história Umutina, momento importante para a autoafirmação da identidade dos Umutina enquanto povo, cuja cultura estava adormecida e, após acordo firmado, pôde revitalizar processos culturais que estão na memória dos anciões e que são muito importantes para a sobrevivência cultural do povo.

Os saberes culturais começaram a fluir e serem ensinados pelos anciões da época, que são detentores do conhecimento. Eles foram para a escola ensinar a língua materna, contar as histórias e mitos, a confecção de artesanatos, a dança, dentre outros. Este processo foi fundamental para o povo se reorganizar e reafirmar a sua identidade cultural.

ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A realização desta pesquisa foi baseada em oficinas, atividades de campo, diálogos com os anciões e apresentação de trabalhos para a comunidade com os jovens da Escola Indígena Jula Pará, na aldeia Umutina, dando ênfase aos conhecimentos tradicionais (cosmologia indígena, medicina tradicional e cultura e natureza). As oficinas surgiram a partir do diálogo com os jovens da escola Jula Pará, em 2011, discutindo os problemas e os desafios relacionados aos conhecimentos tradicionais e sua relação com a cosmologia Umutina, além de como a juventude Umutina percebe esses aspectos na atualidade, relação entre natureza e cultura, as crenças, a sua interação com esses elementos, os remédios tradicionais que estão sendo menos consumidos na comunidade.

Constata-se uma grande mudança nos aspectos culturais nas últimas décadas. Os próprios jovens que são os estudantes da escola Jula Pará, manifestaram o interesse de conhecer, aprender e valorizar os conhecimentos tradicionais, sendo multiplicadores desse saber milenar. Ressalto que entre idas e vindas desses jovens em transitar esses dois universos eles sempre mantém laços familiares e com a comunidade.

O objetivo da atividade com os jovens foi, portanto, despertar e valorizar o espaço geográfico e o conhecimento tradicional, bem como registrar e transmitir para os jovens da comunidade como é importante saber, conhecer, respeitar e estar em contato com a natureza, enfatizando os eixos essenciais: escutar, perceber, falar e transmitir.

Houve a participação dos jovens nesse processo, cerca de setenta, que são estudantes da escola Indígena Jula Paré.

O trabalho teve início com a caminhada nas matas da aldeia, no dia 02 de setembro de 2011, com o seguinte tema: “Trilha na mata: a natureza”, seguindo a mesma trilha de um evento realizado em julho do mesmo ano, “O circuito Umutina”. Com a caminhada ecológica, os jovens observaram e sentiram a importância dessas vivências com a natureza no nosso cotidiano.

Os temas foram então distribuídos para cada turma do ensino médio. O 1º ano, Medicina Tradicional; 2º ano, Cultura e Natureza e o 3º ano, Cosmologia Indígena.

Em sequência, houve explicação do trabalho da pesquisa aos jovens estudantes. O trabalho teve a participação de pessoas mais velhas da comunidade, por meio de entrevistas, diálogos, aprendizagem sobre a preparação das ervas medicinais, as histórias e mudanças que ocorreram ao longo dos anos. As visitas ocorreram em trechos da mata para conhecer as ervas, bem como as nascentes e o local onde deságua o rio Dezoito que fica dentro do território Umutina.

Houve também apresentação e socialização da atividade de pesquisa para os demais estudantes do ensino fundamental, para os pais e para a comunidade em geral. Cada turma explicou o tema desenvolvido e relacionado à medicina tradicional: amostras dos remédios que foram preparados, a cultura e a natureza, como os Umutina viveram neste ambiente; a cosmologia indígena; como os antigos pensavam em relação a essa questão e a concepção dos jovens na atualidade. “Com essa atividade aprendemos e conhecemos um pouco da cosmologia do nosso povo, de como eles acreditavam muito antigamente e hoje isso não é preservado mais por muitos jovens da nossa comunidade”, disse um dos estudantes.

Por fim, a etapa de socialização dos resultados da pesquisa contou também com a participação de lideranças, cacique e membro da comunidade, que fizeram suas considerações. De acordo com eles, é grande a importância do trabalho realizado, para que esse conhecimento seja transmitido (o conhecimento tradicional Umutina) para as novas gerações e demais pessoas da comunidade.

PLANTAS MEDICINAIS E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS UMUTINA

Segundo os jovens por meio do diálogo com os mais velhos, eles aprenderam e conheceram sobre a cosmologia Umutina e o cotidiano das práticas de seu povo. Com as mudanças que ocorreram nas últimas décadas, muitas dessas práticas não tem sido mais mantidas pela comunidade. “A cada dia que passa vai acabando esse ‘acreditar’ nas coisas sobrenaturais por parte dos jovens, que não levam a sério as coisas que acontecem dentro e fora da natureza”, disse um dos estudantes. “Adquirimos mais conhecimentos, o trabalho me fez interagir com nossos anciões, nos envolveu com a natureza e sua medicina natural, as histórias, enfim reviver a cultura” acrescentou outra estudante da equipe da pesquisa.

“Vimos que é necessário trabalhar isso na comunidade escolar e também os pais estarem ajudando, contribuindo com os seus conhecimentos dentro e fora da

escola para que as futuras gerações cresçam ouvindo histórias e as respeitando”, destacou Edna Monzilar, professora da escola Jula Paré.

Os resultados alcançados com a pesquisa-ação realizada parecem mesmo indicar que é preciso trabalhar mais os conhecimentos tradicionais dentro do espaço escolar e no espaço externo da aldeia. Muitos dos relatos oferecidos pelos estudantes ao final reforçam essa leitura, como se pode ver abaixo:

Os jovens devem levar mais a sério, porque isso faz parte da nossa cultura e que as gerações futuras possam saber da nossa história e para mostrar para as pessoas mais velhas que os jovens são interessados com a cultura e história do povo Umutina.

Obteve-se o conhecimento mais aprofundado sobre a história do nosso povo, principalmente a “espiritualidade e crença dos Umutina”, bem como aprender a fazer remédios que eu não sabia e vi o quanto é importante preservarmos a nascente do rio. Em relação à espiritualidade e as crenças também foi relevante para o grupo saber dos fatos, as histórias tristes do nosso povo, acontecimentos agradáveis e desagradáveis.

Com relação aos remédios tradicionais, aprendemos e conhecemos os remédios que antes não conhecíamos e saber como prepará-los, isso ajuda para que não se perca o nosso costume cultural (depoimentos de estudantes indígenas, 2011).

No passado, o povo Umutina se valia mais de seus conhecimentos tradicionais. O senhor Antônio Uapodonepá nos relatou: “os remédios tradicionais eram muito usados pelos antigos índios Umutina” (entrevista realizada em novembro de 2011). Após o contato com os wassy (não índio) houve uma mudança ao modo de vida que influenciou as práticas do uso de ervas tradicionais, trouxeram vários objetos como ferramentas para o trabalho, comidas industrializadas, as doenças que deixaram os indígenas vulneráveis e inclusive remédios farmacêuticos.

Segundo a senhora Simone Tan Huare, hoje em dia 90% da população Umutina procura mais a farmácia, 10% ainda usa os remédios tradicionais da nossa mata. “É importante realizar oficinas de remédios tradicionais para que os jovens conheçam os remédios de nossa mata e que transmitam para as novas gerações, para que não permaneça no passado”, destacou ela.

Nesse sentido a pesquisa fomenta para que a juventude Umutina possa conhecer e saber como utilizar bem como o modo de preparo das plantas, do conhecimento da medicinal natural para determinada enfermidade. Os jovens descreveram os nomes das plantas medicinais de acordo com os anciões que foram in loco verificar as variedades de espécies nativas que há no território.

Segue nome de algumas plantas nativas que são utilizadas e conhecidas pelas pessoas da comunidade são: negramina, copaíba (pau d’óleo), jatobá, folha de mangava, raiz de sarã, fedegoso, cumbaru, corta pinto, erva de bicho, pacova, embaúba e outros.

Para os jovens, é importante aprender e conhecer o conhecimento tradicional do povo, trazendo a participação dos mais velhos, pois compreendem que os mesmos são bibliotecas vivas de nossa história para manter a cultura.

Foi impressionante e muito significativa para nós, pois conversamos com as pessoas mais experientes da nossa comunidade, nos falaram

os nomes e as variedades das plantas medicinais que existem nas matas da nossa aldeia e nos explicaram como usar, tirar e fazer a preparação dos remédios caseiros e a forma certa como devemos usar as plantas medicinais (Depoimento de estudantes indígenas, 2011).

É fundamental para nós professores e estudantes, poder observar que as nossas matas são como uma farmácia cheia de remédios naturais, que nós não conhecemos. Através deste estudo foi possível conhecer remédios e a importância deles para nossa vida. Descobrimos que não basta só conhecer, mas colocar em prática tudo aquilo que aprendemos. Abaixo, segue depoimento de um dos estudantes, reforçando a importância do trabalho para a continuidade dos saberes e fazeres tradicionais Umutina:

Fortalece os nossos conhecimentos, tudo o que não sabíamos e nem utilizávamos, fazendo com que as plantas medicinais não caiam no esquecimento, e nós que somos as gerações do agora e amanhã não deixarmos morrer porque temos uma farmácia com remédios naturais e podemos fazer um bom uso de todos eles (2011).

ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa com os jovens, dando ênfase à Cultura e Natureza, visou o fortalecimento do conhecimento para as novas gerações serem conhecedoras da sua história. Através do diálogo, compreenderam como os Umutina se relacionam com a natureza, as famílias que residiram neste lugar, antes deles e de seus pais, bem como as mudanças que ocorreram ao longo dos anos.

Alguns lugares de referência merecem maior atenção na pesquisa, caso da estrada e do rio Dezoito.

De acordo com o relato do senhor Edson Monzilar (entrevista em setembro de 2011) sobre a estrada e Rio Dezoito:

Antigamente tinha uma picada, onde era que os Umutina andavam, que hoje nem existe mais. Depois que os mais velhos que já faleceram, saíram lá do Posto Velho, perto do rio Bugres, desceram todos para a Humaitá assim foi feita uma picada, que ia parar lá no rio Bugres. Como os Umutina não paravam em um só lugar vieram para cá no ano de 1918 e acabaram encontrando o rio e que por isso se chama Rio 18. Antigamente o Rio 18 tinha vários poços profundos, cheguei até de ver curadores entrarem na água para verem ou conversarem com coisas estranhas.

O Sr. Edson ressaltou que as casas foram construídas do outro lado do rio, depois que Otaviano Calmon trouxe os Parecis, exatamente no ano de 1920, “foi aí que começaram a construir suas casas”.

De acordo com senhor Vergílio Monzilar (entrevista em setembro de 2011):

O rio Dezoito tem esse nome devido que aqui, antigamente, aqui na passagem tinha 18 pés de buriti, e que hoje tem apenas dois. Antes ninguém tinha parada, sempre mudavam de lugar, então foram lá perto da cabeceira saíram logo de lá porque o povo mais velho, diziam

para ele, que antigamente, tarde da noite sempre ouviam galos cantar, boi berrar, gente conversando. E sempre que acontecia algo estranho eles iam ver com bastante gente, para ver o que era e não viam nada e acabavam saindo dela porque ficavam com medo. Então o povo antigo, que já faleceram, como Emiliano Calomezoré, Antônio Corezomaé, Jorge Monzilar, dizia que lá acontecia tudo isso porque lá tinha ouro. Por isso, esse lugar é encantado.

O Sr. Vergílio destacou as primeiras famílias que moraram do outro lado do rio Dezoito, “foi à família do Senhor Pedro Monzilar, o seu tio, dois anos a três anos, se passaram; depois foi à família do senhor Floriano e Valdemar – passados alguns tempos, se mudaram para Retiro. Depois que todos foram embora, ficou somente o Senhor Pedro, que morava, onde hoje é a casa do Senhor Edson Monzilar”.

Abaixo, segue o relato de Luiz Fernando sobre o tema (entrevista realizada em setembro de 2011):

Vou contar o que os avós, os mais velhos contaram. Quando criança gostava muito de ouvir histórias, e de ficar sempre junto com os mais velhos, nas festas, nas caças e na roça. Na época não tinha essa aldeia onde atualmente moramos. Primeiro, a moradia era no Posto Velho depois foi para Umaitá Velho. Era onde antigamente faziam telhas de barro, tijolos, e tudo era feito pelo nosso próprio povo. E a estrada começou, porque antes não tinha carro, trator; era somente carro-de-boi, que era utilizado para transportar os materiais. E antes a estrada era bem mais estreita, que passava mais para cima do cemitério; então devido tudo isso, abriram essa estrada que tem até hoje.

Luiz Fernando ressaltou que seus avós contavam que o Rio Dezoito tem esse nome, porque foi encontrado no ano de 1918. Mas também há quem diga que se chama assim porque existiam 18 pés de buritis na passagem – e que antigamente esse rio era muito profundo e os Umutina batiam timbó (ritual de pesca) nesse rio, todos os anos, na quinta-feira no mês de abril, para comer peixe na sexta-feira Santa. Associada a essa prática de pesca tradicional, há também outra versão para explicar o nome dado ao rio. Assim, de acordo com a entrevista realizado com o senhor Lalico (2011):

O rio Dezoito tem esse nome porque encontraram 18 índios batendo timbó no córrego bonito lá na cabeceira. Devemos preservar o nosso rio, que é limpar, não jogar lixo na beira do rio. A estrada foi aberta na época de Otaviano Calmon. As primeiras famílias que morou do outro lado do rio 18, foi à família do senhor Floriano, Pedro Monzilar Senhor Augusto e Valdemar.

Conforme relato da Senhora Carminda Monzilar (entrevista realizada em setembro de 2011):

Antigamente na passagem tinha 18 pés de buritis, e que hoje existem apenas dois pés de buritis. Antigamente os mais velhos diziam que na cabeceira tinha uma baía encantada e que os parentes dela, os mais velhos, dizia que escutavam animais cantar, como galos, viam zebras, cobras. E tudo acontecia porque na época dos revoltosos, bateu na beira do rio Bugres, alguns fugiram com ouros e esses que fugiram fizeram um buraco lá no retiro, colocaram ouro dentro de tacho de barro. E esse ouro acabou ficando enterrado e nunca mais ninguém

tirou. É por causa disso que quando chegavam nessa baía onde o ouro foi enterrado, os mais velhos viam coisas estranhas. Quem contava era o senhor finado Maxipá, ele contava muito sobre essa baía, onde o mesmo morou lá há muito tempo e chegou de ouvir algo estranho.

D. Carminda disse que a primeira família a morar do outro lado do Rio Dezoito foi à família do Senhor Fermino. Depois de algum tempo, saíram de lá e foram morar na cidade. Depois foram a finada Rita e Valdemar, que fizeram suas moradias e depois foi também o senhor Vergílio, e assim por diante.

O senhor Alcir Corezomaé (entrevista realizada em setembro de 2011) relatou:

A história do nosso povo, que não se lembrava do porquê do significado do Rio 18, mas podemos proteger o nosso rio: é não derrubar árvore na cabeceira do rio, principalmente pé de buriti e assai, porque são eles que puxam água. Quem morou do outro lado do Rio 18, foi à família do Senhor Floriano, Valdemar, Tomé, e a D. Juventina.

Em relação à estrada, com o mesmo nome, essa foi aberta para transportar produtos alimentícios (farinha, milho, arroz etc.) para vender na cidade como forma de sobrevivência, bem como para viajar.

Os relatos acima constituem uma parte da amostra das histórias vivenciadas pelos Umutina, ao longo de sua história. A pesquisa-ação com os estudantes do ensino médio da escola indígena Jula Pará permitiu que essas histórias fossem repassadas à juventude, auxiliando-os a entender as mudanças da atualidade. Para os jovens é uma vivência única, na qual interagiram com os mais velhos, estiveram no local da nascente do Rio Dezoito, no ponto em que esse deságua no rio Paraguai. Ao realizar essas atividades, os jovens conheceram e aprenderam a riqueza existente na aldeia e principalmente conheceram a história de seu povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou fortalecer o conhecimento do povo Umutina e da comunidade escolar, ao promover os saberes de nossos ancestrais e abordar os processos de mudanças e transformações que aconteceram no decorrer dos anos: como o povo protege o conhecimento tradicional, a busca de alternativas dentro do território e a busca de manter viva e sustentável a cultura, para que as novas gerações possam multiplicar e usufruir desse patrimônio.

A veracidade do trabalho se dá a partir de relatos dos indígenas Umutina, a participação efetiva dos jovens que estudam na escola Jula Pará e fontes bibliográficas para o desenvolvimento do mesmo. O presente trabalho envolve, portanto, as vivências e a sustentabilidade do povo no decorrer dos anos e a busca de estratégias e alternativa para viver, valorizando o espaço territorial.

Ressalto o caráter fundamental de tal trabalho para o povo Umutina, pois trata-se de um registro contado pelo próprio indígena e que vai contribuir com a comunidade e a juventude da aldeia. Diante das influências da sociedade moderna e o processo histórico vivenciado, os Umutina estão reconstruindo suas histórias, ressignificando os saberes milenares dos antepassados para servir de instrumento e identidade cultural do povo Umutina. A ressignificação da cultura para o povo

Umutina é um marco histórico de modo a manter o sustento para viver e garantir a sustentabilidade, nas dimensões social, territorial e ambiental.

Embora não seja falada fluentemente a língua nativa, tem-se feito trabalhos em conjunto, incentivando as crianças e jovens a praticar a cultura Umutina. A revitalização da cultura é fundamental, pois entendo que se a cultura estiver sendo repassados para as novas gerações, os jovens se tornarão conhecedores e protagonistas da sua história e de seus valores.

Trata-se, portanto, de um trabalho coletivo com forte significado para a comunidade Umutina. A comunidade tem participado e acreditado na eficiência da escola como espaço para revitalização de suas práticas culturais. Nesse sentido, como já destacado, há muitos avanços, entre os quais destaco um retorno da parte dos jovens e adultos aos ritos, pinturas e cantos tradicionais, assim fortalecendo e resgatando a cultura indígena Umutina.

Territory Umutina: experiences and sustainability

ABSTRACT

This paper explores the Umutina Territory. In particular it looks at sustainability challenges and livelihoods of the youth in secondary schooling of the Umutina Village. The Umutina Territory has already been demarcated. The Indigenous Land Umutina is rich and important, as it provides the resources for the people's livelihood as well as the basis for its social and cultural relationships. In other words, the land is crucial for the people of Umutina to keep their culture alive. The methods applied were: bibliographic research, interviews with the leadership and the youth of the community, workshops, pictures, and the participation of the youth of the Jula Pará School. This action research contributed to the new generations, the community and the school having access to traditional knowledge, know-how. Central were the valorisation of territorial space and the search for alternatives inside the community, which will serve as a document for future generations. The data collected is meant to strengthen the culture, and to serve as didactic material in indigenous schools, allowing for the socialisation of the broader public. It adds to the territorial space's protection and strengthening, cultivates culture and keeps it alive so that young people can fully utilise and profit from this patrimony.

KEYWORDS: Indigenous School. Education. Sustainability. Territory. Umutina.

NOTAS

¹ De acordo com dados do Instituto Socioambiental –ISA (2012), entre 2000 e 2009 a área desmatada na TI Umutina foi de apenas 2.217 ha, da área total de 28.120 hectares dessa Terra Indígena. Em Contraposição, o desmatamento no entorno dela é bastante intenso, de modo que a TI Umutina constitui-se na maior área preservada no município de Barra do Bugres.

² De acordo com levantamento realizado pelo Prof. Jairton Kupudonepá, em conjunto com estudante do Ensino Médio da Escola Jula Paré, na aldeia Umutina, em 2012.

³ Recenseamento realizado por A. J. Jesus (Relatório nº 09/Posto Indígena Umutina – FUNAI, 1980).

AGRADECIMENTOS [opcional]

A Haipuku (Deus) por ter me fortalecido, iluminado o caminho para que este trabalho fosse realizado, pela oportunidade de aprendizagem que tive e muitas que virão.

Aos meus pais pelo apoio, carinho, amor e paciência que tiveram nos momentos da minha vida.

Minha Mãe Nice Boroponepá in memoriam que sempre me apoiou e incentivou nesta caminhada. Minha eterna gratidão.

À comunidade Umutina, as lideranças, o Cacique Lucimar Calomezoré, o Coordenador Local da Funai Luís Fernando Calomezoré, aos professores e alunos do Ensino Médio, em especial à turma do 3º ano/ 2011 da Escola de Educação Indígena Jula Paré.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersen. Território etnoeducacionais: um novo paradigma na política educacional brasileira. Apresentado na **Conferência Nacional de Educação – CONAE** em 2010. Brasília – DF: Centro Indígena de Estudos e Pesquisas (CINEP), 2010 (mimeo).

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Justiça. Fundação Nacional do Índio. Diretoria de Assuntos Fundiários (DAF). **Imagem de Satélite da Terra Indígena Umutina – MT**. [s. d.].

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Cadernos SECAD 3. In: **Educação Escolar Indígena: diversidade sócio-cultural indígena, ressignificando a escola. "Os Saberes Indígenas e a Escola. É possível uma Escola Indígena Intercultural?"**. Brasília: SECAD/MEC, 2007.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: Editora CosacNaify, 2009.

DIONNE, Hugues. **Pesquisa-Ação para o Desenvolvimento Local**. Brasília: Liber Livro, 2007.

GRUPIONE. Luís Donizete Benzi. **A Escola e a Comunidade indígena**. [s. l.], [s. d.] (mimeo).

ISA – Instituto Socioambiental. **De olho nas Terras Indígenas no Brasil: Terra Indígena Umutina**. Disponível em: <http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3889>. Acesso em 23 de novembro de 2012.

JANUÁRIO, Elias et al. Uma proposta de integração entre pós-graduação em Ciências Ambientais e a Aldeia Umutina. **Cadernos de Educação Escolar Indígena**. Vol. 8, n. 1. Cáceres: UNEMAT, 2010, pp. 93-106.

MONZILAR, Edna; MONZILAR, Eliane Boroponepa. **A Mudança do Povo Umutina da Aldeia Umaitá para a Aldeia Umutina**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais) – Projeto de Formação de Professores Indígenas 3º Grau Indígena. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Barra do Bugres, 2006.

MONZILAR, Edna. **Alimentação do Povo Umutina Antes e Depois do Contato**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena). Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Barra do Bugres, 2010.

MONZILAR, Eliane Boroponepa. **Educação Escolar Indígena e o Processo de Demarcação e Proteção do Território Umutina**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena). Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Barra do Bugres, 2010.

Revista do Museu Paulista. Informações Etnográficas sobre os Umutina. **Nova Série**, n. 13, p. 75-313, 1962.

SCHMIDT, Max. Los Barbados os Umutina em Mato Grosso. **Revista de La Sociedade Científica Del Paraguay**, n.5, 1941, p. 1-51.

SCHULTZ, Harald. **Vinte e Três Índios Resistem à Civilização**. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

Recebido: 31 out. 2018.

Aprovado: 25 abr. 2018.

DOI: 10.3895/rts.v14n34.7265

Como citar: MONZILAR, E. B. Território Umutina: Vivências e Sustentabilidade. **R. Technol. Soc.**, Curitiba, v. 14, n. 34, p. 122-143, out./dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/7265>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Eliane Boroponepa Monzilar

-

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

